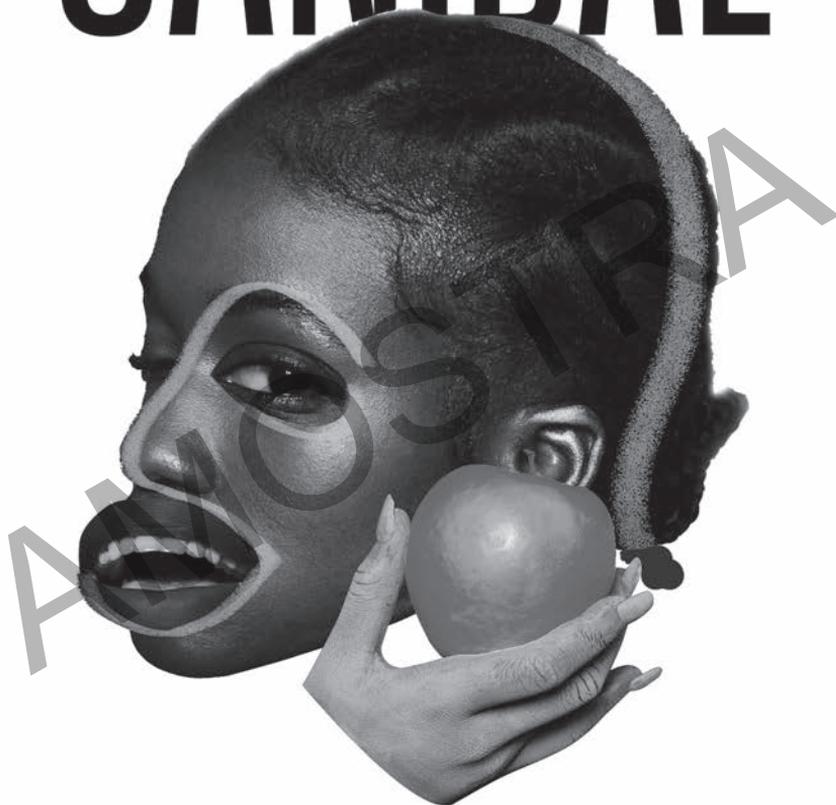


VENCEDOR DO PRÊMIO WHITING DE POESIA

CANIBAL



SAFIYA SINCLAIR

TORDSILHAS

SUMÁRIO

PARTE I

Lar	3
Pocomania	5
Na Infância, Alguns Céus Apuraram Minha Visão	7
A Filha do Pescador	9
Mãos	11
Retrato de Eva como a Anaconda	13
Sereia	15
Catacumbas	16
Sonhando no Estrangeiro	18
Retrato de Família	20
Devo me Considerar uma Criatura Feliz	22
Autobiografia	24
Osteologia	25
Depois que os Últimos Astronautas nos Deixaram, I	28

PARTE II

Notas sobre o Estado da Virgínia, I	33
América, a Bela	34
Mais um Natal Branco na Virgínia, I	36
Cem Fatos Impressionantes sobre os Negros, Devidamente Comprovados, I	38
Cem Fatos Impressionantes Sobre os negros, Devidamente Comprovados, II	40
Cem Fatos Impressionantes sobre os Negros, Devidamente Comprovados, III	43
Notas sobre o Estado da Virgínia, II	45
Branco Apócrifo	46
Notas sobre o Estado da Virgínia, III	48
Notas sobre o Estado da Virgínia, IV	50
Lições de Enunção com a Sra. Silverstone	51
Ladainha para Charlottesville	55
Notas sobre o Estado da Virgínia, V	57

PARTE III

Livro de Orações para Desaparecer	61
Confessor	64
Presságio	66
Cabelo Bom	68
Mulher, Ferida	70
Mulher, aos 26 Anos, se Mantém Otimista Enquanto o Corpo se Petrifica	72
Como Ser uma Mulher Interessante: Manual de Polidez para as Poetas	74
Marca de Nascimento ou a Purificação na Pia	76
Ameixinha Vermelha	78
Centro do Mundo	80

PARTE IV

Depois que os Últimos Astronautas nos Deixaram, II (Laica)	85
Espectro	87
Quimera	90
Como Extirpar um Tumor	92
Incorrigível	94
O Fantasma de Agosto	96
Uma Separação	98
Em Caso de Prolongada Tristeza, Devolva ao Mar	100
Agosto no País dos Outros	102
Reino dos Céus	104
A Arte do Altruísmo	107
Dúvida	109

PARTE V

Crania Americana	115
Notas	118
Agradecimentos	120



I

Não tenhas medo. A ilha é repleta de ruídos,
Sons, e ar fresco, que deleitam sem causar dano.
Às vezes milhares de instrumentos estridentes
Cantarolam em meus ouvidos, e às vezes, vozes.

CALIBAN, *A tempestade*

O furacão não ruge em pentâmetros.

KAMAU BRATHWAITE, *History of the Voice* [História da
Voz, em tradução livre, sem edição no Brasil]

LAR

Será que esqueci —
o dialeto das conchas selvagens,
o apóstrofe negro e
encaracolado preso na minha língua?

Ou como os espanhóis ergueram muros
com cacos de vidro para me deixar de fora

mas o beija-flor continuou a me seguir
e observar: este lugar

é o seu lugar, coberto por algas vermelhas,
antigas madeiras flutuantes à deriva

nutridos pelo mar melancólico.
O altar decrépito no qual estive

tantas vezes, cheias de crânio de peixe,
brilhantes como plumas de guaiacum:

Pai, já lhe pedi milagres de tantos
tipos. Ser paciente e tolerante,

ser remodelada para o senhor em
alguma diminuta maravilha. E

que deleite é ainda crer em algo.

Minha fala está tão desenrolada

quanto meu cabelo; aquele estranho que
há tanto tempo paramos de procurar.

Mas se porventura nossos quase naufragados
corações pudessem responder, eu inclinaria

minha boca em conchinhas mornas
sobre a Terra, e beijaria a sujeira úmida

de casa, sentiria a lama de Bogue
e a pele como uma casca de laranja comprida.

Eu abriria meus ouvidos para a cana-de-açúcar
e para os longos ramos de feijão-guandu

escalarem. Eu nadaria no mar
ainda vacilando numa moldura soldada,

o mar que de novo e de novo
chama o meu nome.

POCOMANIA¹

Pai resoluto pai inquebrável pai
com a barriga caída, pai de onde fui apartada,
prensada, esculpida e remodelada, pai eu fui forjada
no fogo do seu ser. Arrancaram as nervuras da minha pele,
uma pálpebra caída,
pai meu emaranhado negro de cabelo e dentes. Nasci amarelada
e enrugada, pai sua jaca, nutre minha carne madura por demasia.
Pai sua primogênita agora com os tornozelos cortados, pai
seu facão preto. Lembro de seu cheiro escorregadio, sua escuridão do mar,
o espumar do seu rum, chorei e besuntei sua bochecha com minha umidade
pegajosa.

Pai perdoe minhas exigências impossíveis. Eu o conjuro
também em tecido, Leão de Judá, pai em seu vermelho, dourado
e verde. Pai a bandeira que estou desfraldando / pai a bandeira que estou
balançando.

Pai deslizando num barco de esqueleto de baleia,
seu corpo enrolado em branco como o de um sacerdote ortodoxo. Pai
e seu ninho de mulheres acólitas, seu pente de barba, sua prímula, sua dália,
sua flor de Nagasaki. Mamãe e eu não éramos nada disso.

Pai me lavando em eucalipto, em alho, em hidraste.

Paternando meu exorcismo. Pai a severa salmoura de meu mar.

Fazendo sons que somente o coração consegue sentir. Pai um inseto
escavador, sua pequena incisão. Nenhum balido, mas um gorgolejo caloroso —
Filha entrando neste mundo como anfitriã. Pai seu animal encalhado,
seus lamentos na areia. Mãe seus ossos vermelhos chegam à porta batendo.

¹ Pocomania é uma variante jamaicana de religiões afro-americanas, distinta do rastafári. É formada pelo sincretismo entre crenças de matriz africana e do protestantismo anglicano [N. T.]

Mãe seus ossos vermelhos chegam batendo nas tábuas do piso,
minha mãe batendo e batendo no crânio dele enquanto ele sonha.
Arranhando sua porta, meu chocalho seco de código Morse:
Pai *Me deixe entrar*. Com os espíritos desdentados que entram em nós,
pai o perônio rachado onde o tutano irá enferrujar —
Pai o tímpano macio em meu ouvido. Filha arrancando o mato
de suas travessuras familiares. Mãe batendo na caixa torácica: *Estou aqui*.

AMOSTRA

NA INFÂNCIA, ALGUNS CÉUS APURARAM MINHA VISÃO

Pôr do sol. Aquele hino laranja-sangue
queimando o ano, câmara de náutilos

das obscuridades juvenis, seu quarto vazio
para os salmos, rituais perdidos. Lá se encontra o agridoce

do corpo de um desconhecido, heliotrópico:
Bem-vindo, estranho de mim.

Considere a coruja caburé chirriando seu grito mortal
como um gongo, atravessando às cegas a estação,

sem nomear a casa que você está sempre deixando,
difundindo os nomes que novamente esquecemos.

O coração e sua bomba
preveem o furacão —

o que se afogou, se afogou.
Ela não vai voltar. O céu sem cabeça

se revela e sofre por nós, mãe e filha
capturadas pelo gancho metálico de sua memória.

Boca molhada de meu futuro corpo, acabamos por compreender
cada palavra, e como às vezes as palavras

se bastam sozinhas. Sacerdote de Obeah, ilha auspiciosa,
sou chamada para recordar a palmeira em chamas

e o vasto refúgio dos flamboiãs.
Querida família, quão prontamente empurrei meus pés

para dentro do carvão fervente de suas lamentações.
Jamaica, se visto sua loucura como uma pele escura

ou tranco este dia no jardim do vodu
de nossa despedida, saiba que eu ainda imito seus lamentos,

com as pernas mergulhadas na praia, sei que procuro nas estrelas
por algum vestígio dos fantasmas. Pelo algoritmo

de uma história incerta. A linguagem simples
de nosso mar canibal. Se avô,

seus pescadores errantes ainda refazem
suas vidas no litoral desvanecente,

saiba que eu também estou ali torrando.
Incendiando e devorando

cada dia raptado.

A FILHA DO PESCADOR

Nesta estação chuvosa minha falecida mãe
ascende novamente

e tudo aqui cheira a tripas —
maré de sangue, algas em abundância,

nossos pratos e xícaras quebrados. Desmontando
este litoral cinza para criar algum tipo de lar, órfãos apavorados
choramingando com os vira-latas,
todos nós famintos

por algo recuperável. O que os persegue,
os pés dela descalços pela chuva, macula minha petúnia que não desabrocha,
meus sapatos de missa lustrosos, nossas palavras negras, nossas mãos.

Vou flagrar o dia se aproximando, a sujeira dela manchando o pescoço
de meu pai, óleo escuro impregnado nos colarinhos,
o alcatrão dela com o mesmo cheiro de peixe que agora esfrego.

Sei que sou um deles. Os esvaziados:

como a noite chega crua, ferida aberta,
as guelras dela flutuavam no ardor dos grilhões, a essência implacável do
mar, meu coração uma massa enrolada

e suada. Eu escaldo ritual de limpeza.
Os ipês-brancos da minha infância
desfolhados, os cabelos queimados,
as pregas engomadas do uniforme.

Minha pele, um linho vermelho impregnado de sal.
A casa. Até mesmo o corpo arde.
Carbólico desaparecendo; esfregado até as unhas ficarem rosadas,
uma prece, osso de coral

raspado, massageado
nos seios e nas coxas.
Acendo incenso e engulo sabão.
Mas nenhum banho vai me livrar
deste fantasma.

Sinto o cheiro dela na escola e enterro a cabeça
na areia, observo meu corpo esculpir
essa ressurreição —
seu brilho opaco de escamas, uma nova dor:

pelo sal, pelas algas, sua pele negra-clara
chupada como um dedo. O sol e o olho do peixe
chupado, sua espinha como um canudo.

Não consigo evitar.

Sua vigilância constante.
Meu cabelo ainda está amarrado com seu antigo lenço.
Rezo, rezo hoje ela não está aqui.

Professora descentre. Me escolta até em casa
para que eu tomasse banho. Filha da semana passada,
doze anos de idade, coração ainda à venda.

MÃOS

Aqui fora as ondas reescrevem nossos silêncios.
Este cheiro de oceano talvez nunca me deixe;
nossa vida humilde ou o mar como uma página obscura

que estou tentando virar: hoje as palavras da minha mãe
soam definitivas. E elas talvez tenham sido sua primeira verdade.
As mãos dela não são mais as mesmas

desde os doze anos,
sem mãe e catando qualquer coisa que o mar
lhe pudesse dar, todos os dias órfã na maré

de suas próprias necessidades — onde caravelas-portuguesas
balançavam, refletindo-lhe a face, com seu coração-âncora
estendendo-se, tentando se atracar a qualquer coisa:

baratinha-do-mar e alga de ramos escuros, poleiro enfeitado
ou uma gota de pérola criada de seu mais diminuto ser,
suas orações noturnas, silenciada por palavras de gratidão.

Mas aqui fora as profundezas salgadas rejeitam a tragédia.
Esta minha vida de segunda-mão já é trágica o bastante —
aqui o que era canibal supera a colonial

maldição, entalhamos nossa própria língua macabra,
chupando os dedos de nossa própria disparidade. Segurando
seu baseado ao vento, ela prescruta e grita,

tentando se lembrar do rosto da própria mãe,
nossa ilha, ou alguma palavra estranha que ela um dia encontrou
em meio à sujeira de marinheiros cujas camas arrumou,

cujos sapatos engraxou, cujas armas
limpou, enquanto a bala branca da América
ricocheteava em sua cabeça. Ainda assim, o rosto que ela não lembra

a fazia roer as unhas, arranhar o dia até dele verter
sangue, o pôr do sol enferrujado deste deslumbramento,
deste arquipélago destruído. Nosso reino de algas

devastado, ouro e pertencimento, uma glória sem dono.
Com seus doze dedos, ela pegou a linha de pesca
do pai para tomar outro rumo, e faminta do sangue

que crescia selvagem e indesejado. Puxou
até paralizar, duas bocas famintas,
desconfiadas e florescendo, lembrando

de que ela ainda era uma mulher sempre se multiplicando
enquanto os pequenos nós e sonhos da vida brotavam, em seu jeito
desconjuntado. Nos dentes de Deus

ela esculpiu essa vida, ofereceu suas mãos e sua embarcação
para se fazerem grandes, cheios de propósito,
seu corpo opalescendo com todos os nossos clamores,

nossa linhagem dos que algum dia viveram
e viverão e viverão novamente.
Na voz única do mar ela ouve a resposta.

Sob sua barriga grávida
meu barco desliza,
uma enguia.